

190-
HCTR 0060

50 ANOS ÍNDIOS



O PRIMEIRO CONTATO Sidney Possuelo (de barba), do Departamento de Índios Isolados da Funai, encontra um grupo de mulheres e crianças dos corubos



Ricardo Belli

Fotos: Roberto Castro/Época

POLÊMICA

A DÚVIDA HISTÓRICA

Cinco séculos depois do primeiro encontro, o homem branco não sabe se os nativos devem ficar isolados ou se juntar ao mundo exterior



O sertanista Sidney Possuelo tem 59 anos, mas conta sua existência pelo número de malárias que contraiu. Há 36 malárias, sua vida mudou para sempre. Foi em 1972, no Parque Aripuanã-Suruí, em Rondônia. Integrava a equipe do sertanista Francisco Meirelles e trabalhava com índios desde o início dos anos 60. Ainda assim, tremeu ao dar de cara com um pequeno grupo de cintas-largas. "O primeiro contato é como parir uma no-

va gente", diz Possuelo. Os silvícolas nunca tinham visto um homem branco – viviam na selva como os índios encontrados no litoral brasileiro pela esquadra de Pedro Álvares Cabral. Assim como os cintas-largas descobertos na década de 70, existem pelo menos outros 55 grupos isolados na Região Amazônica. Eles são o sujeito e o objeto do mais persistente dilema dos 500 anos de História do Brasil: deve-se levar os índios a viver junto ao branco ou deixá-los isolados em suas tribos, abraçados a seus ritos e costumes?

TEMPO DE CONFLITOS

◆ 1500-1640

O índio nunca teve vida fácil na terra descoberta por Pedro Álvares Cabral. A seguir, um relato das agressões dos portugueses e brasileiros contra ele



Estêvão, Reprodução

FASE LITORÂNEA

Os portugueses instalaram entrepostos comerciais na costa do Brasil. Trocavam por badulaques o pau-brasil trazido pelos índios. Os silvícolas começaram a ser enviados à Europa como escravos. Em 1556, dom Pero Fernandes Sardinha, o primeiro bispo do Brasil, foi devorado pelos caetés ao naufragar no litoral de Alagoas. O governador-geral Mem de Sá exterminaria os caetés

◆ 1573-1756



FASE BANDEIRISTA

Período conhecido como ciclo de caça ao índio. Começou em São Paulo e depois se alastrou por todo o país. Bandeirantes como Raposo Tavares dizimaram populações inteiras de nativos. Em apenas três décadas, as primeiras do século XVII, mataram ou escravizaram cerca de 500 mil índios brasileiros. Foram os piratas do sertão

◆ 1616-1832



FASE AMAZÔNICA

Foi o início da ocupação missionária e militar da Amazônia. Os índios próximos às missões dos jesuítas conseguiram alguma proteção até 1759, quando os padres foram expulsos do país pelo Marquês de Pombal. Os nativos eram levados ao trabalho forçado nos seringais

◆ 1624-1758

FASE SERTANEJA

Pressionados pelos holandeses, os portugueses avançaram pelo interior do país, abrindo pastos para criação de gado e plantio de cana-de-açúcar na margem direita do Rio São Francisco. Mataram os índios que ocupavam as terras. A escravização indígena foi autorizada por uma lei de 1611



◆ 1900-1910



ERA DO MARECHAL RONDON

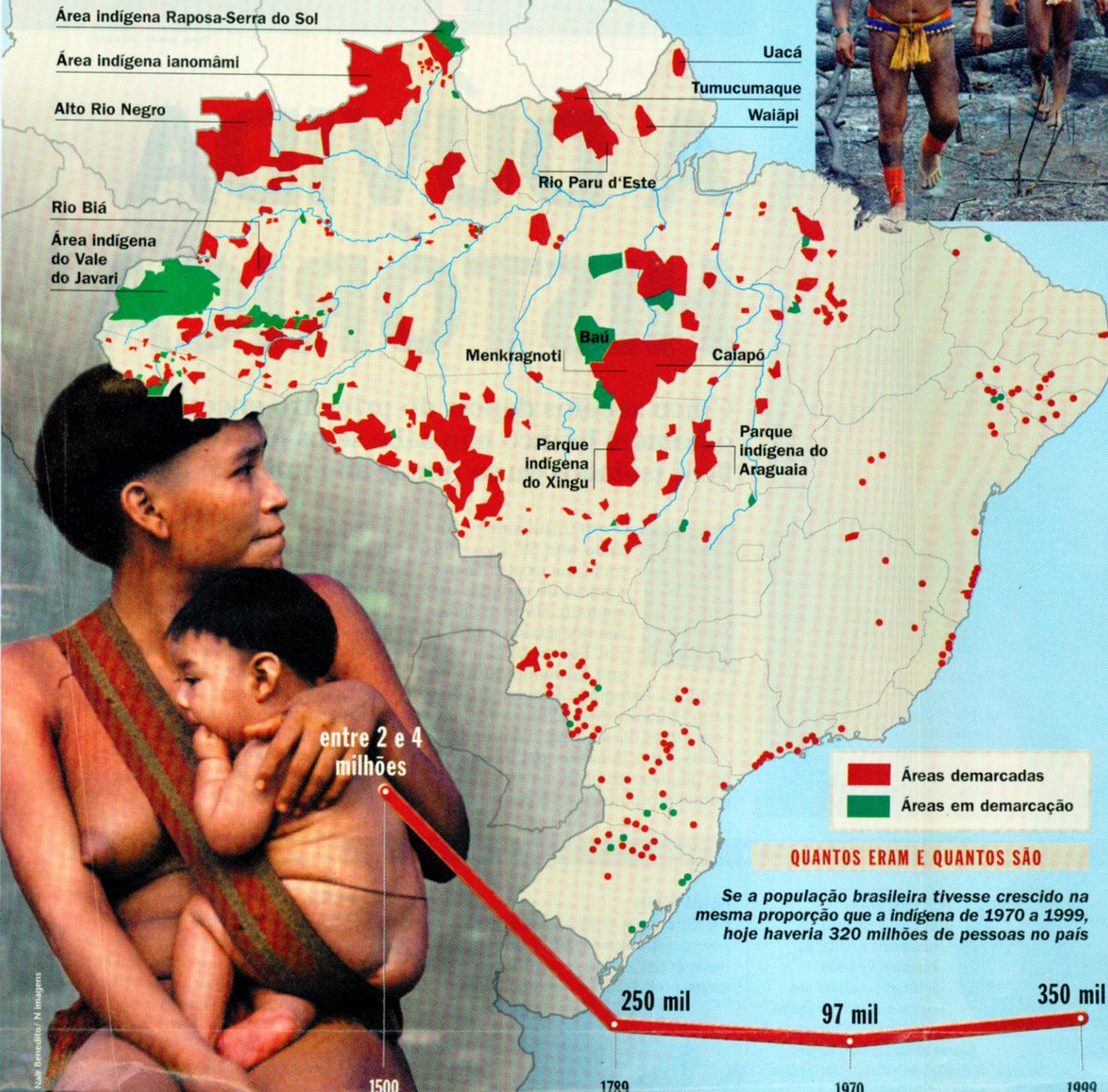
No início do século, Cândido Rondon foi incumbido de levar eletricidade até o Acre. Do contato com os índios nasceria sua frase mais conhecida: "Morrer se preciso for, matar nunca". Em 1910, ele fundou o Serviço de Proteção ao Índio, o primeiro órgão do governo a tratar da questão indígena

60

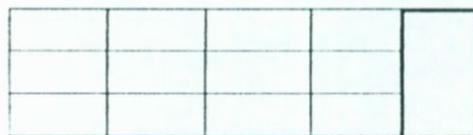
500 ANOS ÍNDIOS

O PAÍS DOS ÍNDIOS

O perfil dos nativos 500 anos depois do Descobrimento



Nair Benedito / N Imagens



60

OS MAIS NUMEROSOS

Etnia	Estado	População
Guarani	MS, PR, SC, RS, ES, RJ e SP	41.000
Caingang	PR, SC e RS	22.000
Ticuna	AM	19.000
Terena	MS	16.000
Guajajara	MA	13.000
Ianomâni	RR e AM	10.000

OS MENOS NUMEROSOS

Etnia	Estado	População
Aricapu	RO	6
Juma	AM	6
Avá-canoeiro	GO	8
Ofalé-xavante	MS	20

DIALETOS

São **210** etnias que falam no total **150** línguas

O **guarani** é falado por **30.000** indivíduos

Cerca de **110** línguas têm menos de **400** falantes

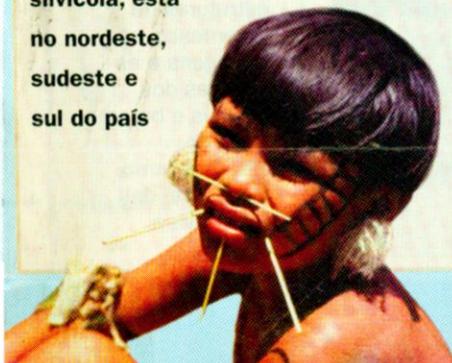


Humberto Frederici / Jornal de Brasília
Daniel Aratangy/Época

POPULAÇÃO

Os índios representam **0,2%** da população brasileira e ocupam **11%** do território nacional

60% dos índios estão na região Centro-Oeste e Norte e têm direito a **98,75%** das terras indígenas da Amazônia legal; o **1,25%** restante de terra indígena, que abriga os **40%** da população silvícola, está no nordeste, sudeste e sul do país



Eduardo Simões/Reflexo



Roberto Castro/Época



Antônio Gaudério/Folha Imagem



La Costa/Época

Trinta anos de experiência sustentam a resposta formulada por Possuelo. "O trabalho dos sertanistas é localizá-los, demarcar a área e sair quanto antes", diz. "É uma mistura de medo e preocupação. Depois do primeiro encontro, começam a perder a saúde, a língua e a família." Esse raciocínio permitiu a Possuelo, hoje chefe do Departamento de Índios Isolados da Fundação Nacional do Índio (Funai), organizar a mudança de rota na convivência com os mais antigos brasileiros. A Funai já não estimula contatos do gênero. Quando identifica uma área que talvez abrigue um grupo indígena, seus técnicos demarcam o território para evitar a entrada de garimpeiros, madeireiros e o surgimento de populações ribeirinhas ou de comunidades de seringueiros. Cercam a área indígena para impedir que os autóctones sejam dizimados pelo cortejo de ameaças trazidas pelos brancos: o resfriado, a varíola, o sarampo, pastos de gado e lavouras de cana. "O índio é um estrangeiro em sua própria terra", define Possuelo.

A nova estratégia de aproximação da Funai, instituída há dez anos – período curto demais para cinco séculos de relacionamento – é uma corrida contra o tempo. Há dois anos, instalou-se um barco de observação num trecho de selva próximo ao Vale do Rio Javari, no Amazonas, quase na fronteira com o Peru. Profissionais levaram nove dias para caminhar 17 quilômetros na mata e achar a aldeia de 19 índios corubos. Chegaram tarde demais: os índios já tinham entrado em conflito com os seringueiros da região. Perderam o combate. Quatro corubos foram encontrados com balas no corpo.

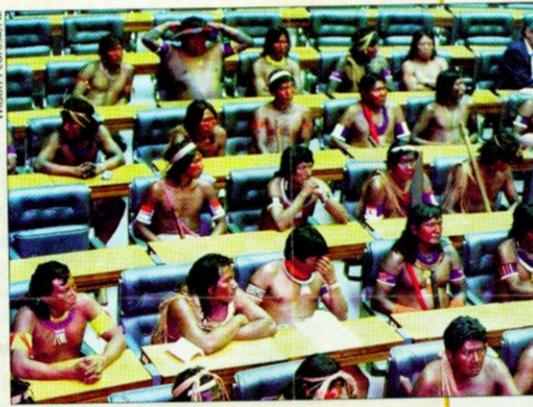
A pergunta que ficou: se a Funai tivesse alcançado a tribo antes dos seringueiros, os nativos estariam hoje vivendo em condições humanas? Não é certo. Na cidade grande, aculturados, poderiam transformar-se em quase-mendigos, como os 480 membros de uma tribo guarani do Morro da Saudade, em Parelheiros, na periferia de São Paulo. No ano passado, 20 índios morreram de pneumonia. Permanecendo em suas tribos, continuariam ameaçados por invasões. Por isso, cresce a pressão para o governo demarcar e proteger as terras indígenas. Há 930 mil quilômetros quadrados de áreas identificadas, o equivalente a 11% do território nacional. É um naco de terra do tamanho da França e da Alemanha juntas.



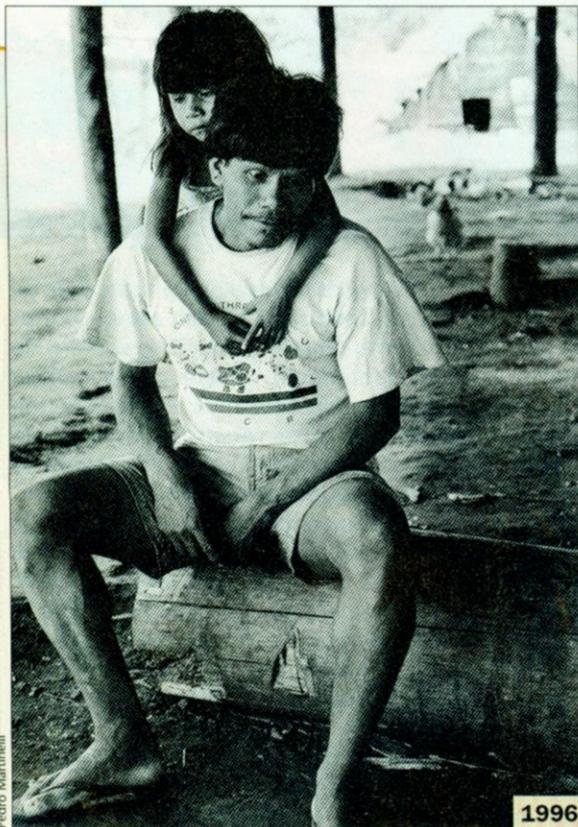
Reprodução

DO BANQUETE AO CONGRESSO
Os europeus do século XVI se espantaram com o costume bárbaro dos tupinambás, que comiam gente. Eles descobriram o **canibalismo** por meio dos relatos de cronistas coloniais interessados pelo Novo Mundo. Hoje, os índios sentados no **Congresso Nacional**, em Brasília, já não espantam – são tratados como exotismo

Wilson Pedrossi/AE



60



Pedro Martinelli

1996



1973

Pedro Martinelli/Ag. O Globo

INFELICIDADE
O fotógrafo Pedro Martinelli registrou o primeiro contato dos irmãos Villas Bôas com os índios panarás, em 1973. Depois de 23 anos, reencontrou-os. "Fiquei amargurado com o que vi, os panarás não são nem sombra do que foram", afirma. "Estão infelizes."

os índios tornam-se dependentes dos brancos, de medicamentos a dinheiro. "Durante anos o governo adotou um paternalismo extremo", diz o antropólogo Roque Laraia, diretor de Assuntos Fundiários da Funai.

Para os índios, o caminho é garantir a sobrevivência econômica das aldeias e diminuir a dependência da Funai. "Sob o manto da proteção, nós nos tornamos inválidos", diz o índio Marcos Terena. Passados 500 anos de convivência litigiosa, o antigo dono do país continua a ser pouco mais que um desconhecido. Podem ser suicidas, como os guaranis-caiovas. Ou então empresários de sucesso, como os caiapós. Um índio caiapó, Paulinho Paikan, é tratado como selvagem e esturador e ao mesmo tempo serve de exemplo como um empreendedor que respeita o meio ambiente. ■

CARLOS ALBERTO JÚNIOR, COM ALBERTO RAMOS

O registro não impede a invasão das terras por grileiros, madeireiros, mineadoras e latifundiários. Nos últimos dois anos, houve mais de 15 conflitos em todo o país. Em maio de 1998, o líder dos xucurus em Pesqueira, em Pernambuco, Francisco Araújo, foi assassinado por fazendeiros contrários à demarcação de uma área de 27 mil hectares. Em julho passado, a índia Dominga Maciel Gundim, do grupo trucá, também foi morta por posseiros.

O Brasil é uma das únicas nações do

mundo com índios em seu estado original – e isso é louvável. Mas o confronto do homem dito civilizado com os supostos selvagens é um dos capítulos mais tristes da História de Pindorama. Nas disputas entre garimpeiros e índios é possível ver, hoje, conflitos muito parecidos com os de 500 anos atrás. As tentativas de integração, idealizadas pelo Marechal Cândido Rondon de 1900 a 1910 e comandadas durante muito tempo pelos irmãos Villas Bôas, fracassaram. Após o primeiro contato,

OLHAR ESTRANGEIRO

Do século XVI ao século XX, as mudanças da visão do europeu a respeito do índio brasileiro



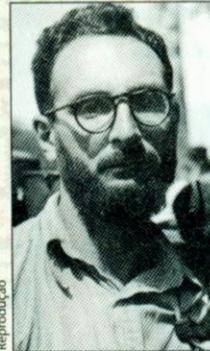
Reprodução

■ **Hans Staden**
O arcabuzeiro alemão Hans Staden viveu nove meses e meio como cativo dos tupinambás, em Ubatuba. Em 1555, de volta à Europa, narrou suas aventuras num livro. Foram os primeiros relatos sobre antropofagia



Reprodução

■ **Montaigne**
O filósofo Michel de Montaigne (1533-1592) manteve contato pessoal com três tupinambás, na França, em 1562. Depois disso escreveu o clássico *Os Canibais* e tornou célebre a visão idílica do bom selvagem



Reprodução

■ **Lévi-Strauss**
O etnólogo francês pesquisou as estruturas de parentesco, as tatuagens e as riquezas dos cadieus e bororos. O pai do estruturalismo, ainda vivo, deu cara nova à etnologia